



O BOM AMIGO É PREFERIVEL ÀS RIQUEZAS.

Quadro de Othovenius.

AQUELLE que n'esta, ora breve ora larga, mas sempre aborrecida, fastienta, e por vezes, e quantas vezes! amargurada peregrinação da vida, tiver encontrado quem lhe enxugasse os prantos, quando o atribularam os desgostos, quem o acompanhasse sinceramente na alegria, se a fortuna lhe correu favoravel, quem lhe fosse leal e o não desamparasse, se porventura a adversidade o foi visitar; quem o guiasse, quem o dirigisse, quem o confortasse, quem lhe dispensasse, generoso, consolações e protecção, dissellos e carinhos de irmão; aquelle que, finalmentê, houver conhecido um verdadeiro amigo, dirá conosco, dirá com todos que tiverem sentido e experimentado as doçuras da amizade, d'esse sentimento que a Providencia gravou profundamente no coração do homem como para o compensar de todas as amarguras do viver, não só que *o bom amigo é preferivel ás riquezas*; mas que constitue per si só a maior de todas as riquezas.

D'este pensar era sem duvida o famoso pintor allemão Othovenius, auctor do bello quadro de que a nossa gravura é um transumpto tão fiel quanto pôde desejar-se.

VOL. I. — 3.^a SERIE.

A composição do quadro de Othovenius é simples como o sujeito, e o sentido moral d'elle acha-se indicado perfectamente n'aquella corôa, symbolo do mando; n'aquellas moedas, derramadãs por sobre uma antiga mesa; n'esses louros, imagem das glorias do mundo, e que o mundo soe muitas vezes arrancar no dia seguinte da fronte dos seus escolhidos de hontem: e o mando, e as riquezas, e a gloria, cousas todas que tanto se presam, e pelas quaes tem perecido tantos milhões de victimas, eil-as abandonadas n'um doce apertar de mão; mas é que esta é a mão de um amigo, de um companheiro de trabalhos, de um irmão!

A postura das duas unicas figuras do quadro é nobre e expressiva, o desenho irreprehensivelmente correcto; os accessorios de uma sobriedade apreciaavel. O colorido e as demais qualidades d'este bello trabalho não podemos nós avaliar. Comtudo, a julgarmos pelo que temos ouvido e lido do auctor em varias das mais bem conceituadas publicações estrangeiras, este quadro é, pela execução artistica, digno do pensamento que o inspirou, e da escola allemã moderna.

DEZEMBRO 4, 1852.

INSTRUÇÃO PUBLICA.

ILLUSTRAÇÃO DO EXERCITO.

II.

Como apostolo do progresso imagináramos nós o soldado, e fôra um sonho, e tel-o-ia de ser sempre, se não houvessemos em nossas mãos os meios de convertel-o em realidade; se não possuíssemos, verdade seja que quasi sem darmos por isso, o poderoso talisman, que tem a virtude de transformar em machina civilisadora o mais obediente, o mais energico, o mais activo, o mais prompto de todos os reagentes de que a nossa sociedade pôde dispor. Este sonho, repetimol-o, nunca passaria de sonho, e até seria pesadelo, de que assim mesmo era bom não acordar, se a Providencia não tivesse derramado já as bênçoes, que sobre a cabeça respeitavel do soldado devem ir lançar-se, quando para a sua nova missão, em nome da mesma Providencia, o enviarem.

E o soldado, apostolo do progresso, não deporá as armas como Saulo, para ser o Paulo do apostolado; não, que as armas não as empunha contra a palavra de Deus; se as tomou, foi com um fim santo. Conserve-as, estime-as, respeite-as, faça d'ellas o seu braço; mas que por cima d'esse braço campeie um facho, que uma luz vivissima lhes sirva de timbre, que esse clarão lhe dirija a elle os passos na senda da gloria, lhe ateie o fogo do amor da patria, o constitua farol, não d'invejas, mas de emulações nobres e do amor dos seus irmãos a quem não coube igual sorte; e que essa luz a final, depois de lhe esclarecer a vida, que tanto semeou por crepusculos e nevoas, que tanto alumiou os outros, que tão bem soube manter o fogo sagrado do patriotismo, da honra, da abnegação e da virtude, que essa luz seja tambem a aureola com que o soldado apostolo se ennobreça; que essa luz torne mais refulgente a corôa do martyrio, se a missão lh'o tornar inevitavel; que as lagrimas, que porventura humedecerem essa corôa, brilhem como gotas d'orvalho em alvorada santa; que essa luz, se pelos seus e pelo dever tiver dado a vida, seja uma estrella, a guiar pelo exemplo e pela fé, a quantos o conheceram; um conforto que para os corações amigos do seu, lhes adoce a saudade; uma gloria para a terra onde nasceu, e por quem tiver vivido e morrido!

Uma supplica fazemos desde já a todos que lêem estas paginas, uma supplica sincera e ardentemente pedida; não as tomem como rasgos de pretenciosa affectação. Seriam já hoje tentativa mallograda. Hoje, quem não escrever para ser lido de boa fé, isto é, quem de boa fé não escrever, malbarata o seu papel, e o que ainda é peor, faz um papel tristissimo. Ha porém uma cousa em que cremos muito, e é na necessidade de communicar aos outros o que deveras se sente, aquillo em que deveras se acredita, embora não tenha todo o cunho da novidade; e n'este caso, tanto melhor ainda, por assegurar mais sympathias para o que se diz, mais boas vontades para o que se pede, e talvez um echo favoravel para o que não era se não palavra, ou um desenvolvimento em bom terreno para o pobre germen de idéa que se manifestou.

Ainda o repetimos, a instrução primaria para o exercito acha-se decretada ha mais de quinze annos; (1) a superior e a especial está organizada. Não

é portanto para convencer da necessidade de se crearem escolas regimentaes simplesmente, que nos decidimos a escrever; porém, insistimos n'alguns pontos, que devem servir de base para as mesmas serem reformadas, e permittir-se-nos-ha o apresentarmos a final um projecto de regulamento para a sua organização e pratica.

Todavia, esta insistencia é fundada em mil razões de publicã utilidade.

Cada um de nós, é, e deve sel-o do coração, um enfermeiro d'este nosso Portugal. Feliz o que tambem é medico, porque pôde ajudar muitissimo a natureza nas suas tendencias reparadoras; mais feliz o que para o resuscitar pudesse dizer-lhe: levanta-te e caminha!

Mas, ao enfermeiro a quem lhe doe, será licito abandonar o leito dos soffrimentos, em quanto lhe fica uma esperanza? E quando em vez de fraca esperanza, e tão debil como os restos de vida d'aquelle por quem vela, lhe sorriem esperanças verdadeiras, e entrevê essa convalescença tão cubigada!...

Fomentar a instrução elemental no povo, tornar-lh'a convidativa, dal-a nocturna aos adultos, diurna e sem rigores á infancia, para todos amena, para todos gratuita, é um pensamento fecundo e regenerador. Porém, não basta. — Do povo que em trabalhos penosos dispendeu o dia, irá uma parte recrear-se na escola nocturna; mas para que vá a maior parte, não são sufficientes todas as seducções do aprender. Ainda nas povoações ruraes irão muitos, mas nas cidades onde a maioria d'essa ultima camada social, que é mister, que é urgentissimo educar, se compõe de operarios a quem os serões impedem metade do anno de frequentar a escola, (porque as horas do repouso não as pôde roubar á madrugada que os espera na officina,) e de servos que não dispõem de si, nunca. Em tudo nos referimos agora aos adultos. E serão só esses homens, que pôdem frequentar bancos de aulas, ainda que muitos, poucos todavia comparados com os muitissimos que é instante pôr a saber lêr e escrever, serão elles a fiança da nossa transformação? De certo que não. E as creanças? E essas escolas nacionaes mantidas pelo estado, cujas portas estão abertas todo o anno e todo o dia para filhos de pobres e ricos por todo o reino? Fechal-as, seria loucura pensar em tal. Reformal-as no que respeita a methodos d'ensino, tornal-as mais appeteciveis, mais obrigatorias pela convicção da sua bondade, multiplical-as, protegel-as, livrar essas barcas de salvacão de maus timoneiros, compensar os mestres d'essas barcas, que navegam para o futuro, com mãos largas, examinar bem o mantimento que se lhes metter a bordo, folgar de as vêr com vento em pôpa levar esses colonos do porvir contentes e instruidos, alegres e ensinados, esperançosos e intelligentes promptos a servir sem terem experimentado a escravidão, nem os tratos das galés. negreiras, ousados e francos sem despejo nem maus habitos, isso é o que quer, é o que faz, é o que deseja fazer todo o governo sensato.

E lá vae, ou lá promette desferir véla essa frota, que um dia ha de ser a geração que nos succeda. Esse exercito grande, pois é toda a infancia da nação, que tem de ser o magistrado, o combatente, o marinheiro, o lavrador, o operario, o legislador, o artista, o ministro, o sacerdote, o mestre tambem, e mais que tudo o pae e a mãe de familias.

O povo tem preconceitos, e quando os não terá? Ha ainda muita gente que não quer que seus filhos aprendam o que ella ignora. E o systema dos misteres hereditarios na China, applicado á ignorancia e á rudeza. Por isso ficam tantos que não sabem lêr. Ficarão porém de futuro, se a infancia e a adolescen-

(1) Decreto de 4 e 13 de janeiro de 1837, Ord. 10 e 14 de janeiro de 1837, numeros 3 e 4, Ord. de 18 de maio de 1838 numero 48.

cia de hoje tiver sem excepção cursado as escolas elementares? Não o cremos.

Porém releve-se-nos o egoistico do argumento; contudo, é egoismo onde o *cu*, é colectivo, e se póde traduzir por quatro milhões d'almas. Mas diziamos nós, apparellhar essa grande e pacifica armada para as regiões do futuro assegura-nos a felicidade actual, que pela instrucção se póde e deve conseguir.

É um legado que entregamos em vida; é a herança de nossos filhos. E nós, que, sem lhes prejudicar os direitos, sem lhes diminuir os bens, poderíamos em vida nossa gosar d'elles, usufruil-os, sem que o uso os alienasse, antes que lh'os augmentava e melhorava; nós, que somos os administradores d'esse morgado em que se ciphra a maior felicidade da patria, se temos a certeza de que antes o administramos melhor, e lhe damos maior valor, dispondo d'elle já hoje, já para nós, porque não o faremos?

Expliquemo-nos. — A instrucção elementar será de todos para a geração nova, se dispozermos dos meios que temos sem outro esforço mais do que uma pouca de fé. E a fé, que ainda é tibia, virá de per si firme e bem firme quando se vir, que se não gastam seis ou sete annos para aprender a lêr, escrever e contar.

A instrucção elementar será de todos, com rarissimas excepções, na geração presente, em nossos dias, se dispozermos dos meios que temos com muita fé, sem outro esforço mais do que uma vontade firme, abrindo escolas para adultos, nocturnas e gratuitas, nas cidades para os operarios, para os aprendizes, para os criados de servir, e para todos que carecerem de instrucção, tendo-as de instrucção primaria superior, e tecnologicas, (1) para quem souber lêr; abrindo-as tambem nos campos de lêr e escrever, de principios de agricultura, de veterinaria, de hygiene, etc. Dêem-lhes outras denominações, tirem os foros gregos aos nomes das cousas uteis que convem ensinar a essa boa gente, se porventura fôr necessario, mas ensinem-lhas. Não lhe chamem cursos; conversem com ella, aprendam todos, mestres e discipulos, que se uns levam para casa o saber, os preceptores levarão indelevelmente gravada a doce convicção de que o numero dos ingratos não é o maior; de que o reconhecimento é moeda corrente entre gente sincera, para pagar até o minimo do que por amor de Deus, e com amor sincero se lhe der.

Está bem demonstrado que existe ainda muito fervor para que esta grande obra se erga desassombrada na terra que está pedindo um monumento condigno do seculo. Para trabalhar n'ella não ha governantes nem governados. É nossa, suem todos; as pedras serão Thebas, porque as harmonias são muitas a chamarem-nas; cada homem de bem é um Orpheu; todo aquelle que ainda não tiver cruzado os braços pela desesperança poderá ser um Amphião. Animem-se reciprocamente, estes descobridores da nossa India, da India que já agora é possivel para nós, que o bom proposito é contagioso, e o cabo não é das tormentas, mas sim da boa esperança. Os Adamastores vão desaparecendo, como fantasmas de trevas á luz do novo dia. Fôra imperdoavelmente pueril o julgar que os governos hão de fazer tudo, e o povo nada. Governo e povo compõem a nação. Os esforços são reciprocos. A politica é uma; é o bem geral. Trabalhe-

se no monumento d'esta era, e cada um dos operarios levará um passaporte para a posteridade. O Lethe mudou-se em Jordão, e as suas aguas são de apagar sêdes, e santificar sequiosos. O simples particular, como o alto funcionario, todos pódem ajudar ainda mesmo com a approvação e louvor, que mais não seja, esta reedificação, não já de uma cidade, mas de todo o reino.

Prosigamos com o argumento egoistico se assim lhe quizermos chamar. Não temer que o fructo se perca, por lhe quermos apressar a maturidade. Não é solipsismo, porque os filhos lá andam nas escolas, mas entretanto que os paes, e os irmãos mais velhos as encontrem abertas por toda a parte. Com que prazer não as vimos nós já em terra que não é menos portugueza do que esta, (1) apesar das solidões do Oceano que a estão cercando, com que prazer e unção se não viam ali, chegada a noute, correrem para a escola. A luz que deslisava alegre e festiva d'aquellas casas evangelicas, parecia a que entre os rigores de dezembro solta a igreja em noute de natal. Era noute de natal todas as noutes!

Faça-se isto, que já temos andado muito.

Abram-se escolas nas cadêas para os presos, que a conquista irá mais adiantada. (2)

Abram-se porém como deve ser-nos quartéis. Eis o ponto que convem ferir.

O enfermo precisa de que se lhe empreguem todos os meios therapeuticos para que a cura seja radical. Não é idyllo. É positivo, e tão positivo como os calculos, como os algarismos, como o pão, como a vida real, como a felicidade publica, sobre que não é licito romancear.

Das escolas populares pódem fugir muitos por má vontade, por desleixo, por más suggestões, por necessidade de dar ordem á vida, porque os filhos querem pão, e ás vezes nem um salario de quarenta e oito horas de trabalho daria para sustentar n'um dia uma familia proletaria.

(1) A ilha de São Miguel que já conta doze d'estas escolas gratuitas e nocturnas.

(2) Não é nosso o alvitre. O mesmo fundador das escolas gratuitas em São Miguel, o sr. Castilho, impetrou do governo de Sua Magestade o crear na cadêa do Limoeiro uma escola de leitura e escripta pelo seu methodo. O pensamento foi devidamente acolhido. A portaria do ministerio da justiça de 29 de setembro d'este anno, assignada pelo sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, é um documento que para o avaliar basta haver coração. — Leia-se: — *Cópia.* — *Repartição da justiça.* — Sendo presente a Sua Magestade a Rainha o officio do procurador regio da relação de Lisboa de 10 d'este mez, com a representação em que o eximio escriptor Antonio Feliciano de Castilho se offerece a crear na cadêa da cidade uma escola de leitura e escripta repentina, com mestre gratuito da sua escolha e approvação: A mesma Augusta Senhora, reconhecendo os proficuos resultados que devem provir da instrucção dos presos, por meio tão facil e prompto; Manda declarar ao referido procurador regio, que póde acceitar aquelle generoso offerecimento, a fim de ter logar o ensino de que se trata, mas só de dia e separadamente, em cada uma das respectivas prisões, dando em seguida as providencias adequadas, para que, mantida rigorosamente a observancia do regulamento de 16 de janeiro de 1843, não se perturbe a policia da cadêa, nem se arrisque a segurança dos presos. — Pago, em 29 Setembro de 1852. — Rodrigo da Fonseca Magalhães. — Está conforme. — José Maria Borges.

(1) Como a respeitavel Associação Industrial do Porto vae fazer, com aquella energia e seriedade que já caracteriza todos os seus actos e deliberações. O seu jornal, só per si, já era um grande serviço.

Das escolas das cadêas, oxalá que fugissem todos; mas do mal, o menos. *O Lasciate ogni speranza* do Dante, já ali se não poderia repetir com verdade.

Mas da milicia, pelas rasões que apontámos em o nosso capitulo precedente (1), quem fugirá? Quem não paga este tributo? Quem ao solver a divida da patria não encontrará bemaventuranças nas riquezas que d'ali trouxer? Mais do que um pobre capote de munição, e algumas alfaias que acompanham a bai-

xa, lhe aproveitará ao soldado a leitura tornada em necessidade, e o prestimo que houver adquirido no serviço.

As escolas que existem para o nosso exercito, fazem do homem soldado. As que sinceramente desejariamos melhoradas, devem fazer do soldado homem.

Voltaremos ao assumpto.

LUIZ FILIPPE LEITE,

Director da *Escola Normal Primaria de Lisboa*.

(1) Veja-se o N.º 46 d'este volume.



SANTO IGNACIO DE LOYOLA.

A RAINHA D. Maria Anna de Austria, viuva de D. Philippe IV, desejando que na casa em que nasceu Santo Ignacio, celebre fundador da *companhia de Jesus*, se erigisse um *collegio*, procurou obter e conseguiu a cessão do palacio de Loyola, situado a legua e meia da villa de Ascoitia, em Hespanha, cessão que lhe foi feita pelos seus proprietarios D. Luiz Henriques de Cabrera e D. Theresa Henriques de Velasco, marqueses de Alcanizas e de Oropesa, por escriptura de 24 de maio de 1681, lavrada na cidade de Toro, com a expressa condigão de que se não demolisse parede alguma. Carlos II approvou esta escriptura, aos 14 de julho do mesmo anno, e a 19 de fevereiro seguinte, em nome da rainha, tomou posse do edificio D. Manuel de Arce, corregedor de Guipuzcoa, acto que se celebrou com a maior solemnidade, e na presença de um numerozo concurso.

Achando-se no *Bom-retiro* a rainha D. Maria, firmou, aos 24 de maio de 1682, a escriptura de fundação d'este collegio, e pediu a seu filho que lhe concedesse as mesmas preeminencias, prerogativas e isenções de que gosava o mosteiro do Escorial, e os conventos das Descalças e da Encarnação de Ma-

drid. Carlos II accedeu a este pedido, approvando a fundação do collegio em todas as suas partes, por decreto de 23 de março de 1683.

Entrada a *companhia de Jesus* na posse do palacio de Loyola, tratou desde logo de tomar as necessarias providencias para a edificação do collegio, encarregando de fazer os respectivos planos e desenhos ao architecto Carlos Fontana, illustre pelas muitas e soberbas construcções, a que presidira nos pontificados de Innocencio XII e Clemente XI. Não consta qual fosse o primeiro artista encarregado da execução do difficil risco de Fontana: no primeiro quartel, porém, do seculo 18.º entendia nas obras Ignacio de Ibero, succedendo-lhe Xavier Ignacio de Echevarria, que ainda as dirigia em 1767, quando foram expulsos os jesuitas. A primeira pedra do edificio collocou-se em 28 de março de 1689; mas desde 1767 não proseguiram os trabalhos, ficando por consequencia a vasta fabrica incompleta. Depois da expulsão dos jesuitas, passaram os conegos de Urdax para o antigo collegio, e pela extincção das ordens religiosas, ficou a cargo da municipalidade de Aspeitia, que, honra lhe seja feita! tem empregado todos os meios para preservar o edificio dos es-

tragos do tempo, fazendo-lhe os necessarios reparos. Em 1846, discutia-se a oportunidade de estabelecer no collegio de Loyola, que a nossa estampa representa no estado actual, um museu, e o archivo provincial. Muito convirá que tão excellente idéa se realise, porque assim fica garantida a existencia de um monumento, que segundo a opinião dos entendidos, apesar de não estar concluido, não tem superior em Hespanha exceptuando o mosteiro do Escorial.

CEDENDO aos desejos de muitos dos leitores do *Panorama*, reproduzimos nas suas columnas o romance historico — **ODIO VELHO** — do qual um fragmento se publicou já em os n.ºs 2.º e 3.º do presente volume. Não ignoramos, que a edição que se fez d'elle lhe rouba o interesse da novidade; nem agora tentariamos a reimpressão, apesar de decorridos alguns annos, se não nos julgassemos obrigados a satisfazer os assignantes que o pedem.

O que está da nossa parte é corresponder da maneira conveniente, revendo cuidadosamente a novella, e expurgando-a dos defeitos, que o tempo e a reflexão lhe descobriram. N'este sentido sujeitámo-la a um exame severo, e podemos affiançar que no estylo e nas scenas mais importantes apparece quasi completamente refundida, não se poupando a lima nem o trabalho para tornar claras, faceis e agradaveis essas paginas, que mais pelo assumpto, do que pelo merito litterario, obtiveram da benevolencia publica um acolhimento, que em toda a imparcialidade somos os primeiros a conhecer, que excedeu muito as esperanças do auctor, e o merito intrinseco da obra.

N'esta correcção tomou-se por empenho verter quanto possivel na linguagem de hoje as idéas e os factos da sociedade no seculo XIII. Procurou-se tirar á phrase e ao periodo a rigidez e a côr antiquada, que faziam bastantes vezes obscura pelo uso de vocabulos obsoletos a intelligencia do texto. Se o fim se conseguiu a crítica o dirá; que se desejou, que se lidou para o alcançar, esperamos que o atteste a comparação mais superficial da primeira edição com a actual. Suppriram-se igualmente todas as omissões, que suspendiam a idéa, ou deixavam imperfeita a expressão dos caracteres e das paixões. Ha scenas, que foram escriptas de novo, e que ainda assim discontentam o auctor; mas não dependia d'elle agora, sem alterar o plano do livro, dar-lhes o cunho, que no seu pensamento era preciso que tivessem.

O juizo dos entendidos fará justiça, avaliando as difficuldades e os esforços. Se este ensaio fôr feliz, em seguida ao romance — **ODIO VELHO** — publicará o *Panorama* outra novella — **A PENA DE TALIÃO** — em que a deposição de Sancho II e os seus desgraçados amores com a bella Mecia de Haro formam o fundo da acção. Um episodio d'este quadro, talvez o mais dramatico d'aquelle periodo historico, já saiu na *Revista Universal* com o titulo de — **RAUSO POR OMIZIO** — cujo desenho e colorido confessa o auctor em toda a sinceridade que estão longe das condições, que, a seu vêr, exige uma obra d'arte, que deve principiar por ser agradável na leitura, não se enredando o estylo de phrases archaisticas, nem se prendendo a cada passo com locuções estudadamente obscuras.

Se o favor que acolheu os primeiros ensaios da sua imaginação inexperiente continuar a protegê-lo, ficam satisfeitos os seus desejos, e mais do que pagas quaesquer fadigas, applicadas a não o desmerecer.

De resto, torna a declarar que não poupou diligencias para que a segunda edição d'este romance saia digna do publico, e em estado de supportar a necessaria severidade da critica.

L. A. REBELLO DA SILVA.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

Introdução.

ABRINDO em um capitulo o Nobiliario, attribuido ao conde D. Pedro, encontrei a tradição do rapto de D. Maria Paes, amante de Sancho I, por Gomes Lourenço da familia do famoso Viegas de Riba Douro, denominado pelos chronistas o *Espadeiro*.

Logo á primeira leitura acha-se o sabor rustico, mas agradável, das historias populares, contadas ao pé da fogueira, com a ingenuidade do velho estylo patriarchal. Os quadros do *Livro das Linhagens* lembraram-me os paineis flamengos, aonde, com muita naturalidade quasi sempre, as figuras se destacam, parecendo viver e conversar ao serão allumiadas pela chamma, cuja labareda affogueia as gothicas chaminés.

Pelo menos produziu em mim este effeito o Nobiliario. Lendo-o, por momentos me illudi, figurando-se-me que respirava o ar aspero e livre, em que se creou a robusta infancia de Portugal.

É antigo o colorido do estylo bem sei; é incorrecto o desenho das scenas não o ignoro; porém os toques, e as physionomias que ha n'elles hoje não se imitam, mesmo de longe, nem se encontram, a não ser em algum retabulo da escola chamada de *Grão Vasco*.

Se a novella historica e o drama quizerem deveras fazer-se nacionaes hão de aprender ahi muito no Nobiliario; porque o espirito póde ter a intuição da sociedade passada, e adivinhar a existencia intima de epochas, que talvez não seja erro denominar as eras heroicas da nossa historia. Um resto da vida e das crenças, que eram a alma dos primeiros seculos, ainda anima aquelles retratos meios apagados. Pedagogos do grande espelho, aonde se reflectia o seculo, é necessario ajuntal-os e embebel-os na moldura moderna para tornarmos a vêr alguns dos seus defeitos e bellezas.

Isto percebe-se na tradição de Maria Paes. Á excepção de duas situações, a torrente que levou tantos monumentos preciosos gastou o resto. A acção fica suspensa; os episodios estão confundidos; os caracteres apparecem em meio esboço. O nexos, a unidade e a fórma debalde se buscariam ali; mas em compensação acha-se o que nada póde supprir tambem: — a verdade dos costumes e das paixões, segundo o «viver e crer» d'aquelle tempo.

O Nobiliario entra na acção sem prologo. Gomes Lourenço espera Maria Paes, rouba-a, e depois mette-se com ella nas terras do rei de Leão. Porque? O piedoso collector deixa-nos ignorar as circumstancias do louco amor, que arrojou o cavalleiro a forçar, não qualquer dama (o que era então vulgar), mas a amante de Sancho I! Apesar de encerrado no tumulo, a sombra irritada do vencedor de Silves devia arrefecer a ousadia do homem que pisava as suas cinzas, profanando a affeição mais ardente da sua vida.

Sem poderosa causa atrever-se-ia o impeto dos

sentidos a tal extremo? Parece que não. Em Avelans, roubando Maria Paes, Gomes Lourenço não fez mais do que revelar a desesperação de affectos mal retribuidos, ou completamente despresados. Como se preparou o desenlace da tragedia ninguem sabe; é provavel, que o odio das duas raças, o desdem de mulher, e póde ser até que o escarneo, mais pungente do que todos elles, hordassem a tela em que esta paixão negreja. — Eis o que indica a falsa reconciliação depois do rapto; vê-se bem que foi fingida para adormecer o cavalleiro e arrastal-o, enganado, ao precipicio.

De que maneira o conseguiu Maria Paes? Comeu a terra o segredo, e jaz com os seus auctores. Entre tanto ha uma conjectura plausivel para a explicação de tudo. E suppôr, que a dama representando a comedia de um amor, que não sentia, e attrahindo Gomes Lourenço com promessas e juramentos, o trouxesse ao laço, armado de accôrdo com os parentes. Quem reflectir no character de Maria Paes, vigorosamente desenhado no *Livro das Linhagens*, pouco hesitará em acceitar a hypothese. Mestra na arte da hypocrisia e da perfidia, batendo-lhe no peito o coração de uma raça implacavel, as seducções da belleza eram n'ella um perigo mais; debaixo estava a alma inexoravel da famosa Leonor Telles.

Por isso se preferiu á versão do Nobiliario sobre a morte de Gomes Lourenço, o desenlace figurado n'este romance. Pareceu mais adequado á invenção poetica, e talvez mais conforme aos costumes do seculo. A tradição do *Livro das Linhagens*, n'esta parte, figura-se-me visivelmente corrompida. O papel attribuido ao rei de Leão, e a justiça violenta imputada a Affonso II, oppõe-se aos usos do tempo, e são pouco verosimeis.

Um dos Viegas, familia por alliança de sangue unida a tantas casas importantes do reino, não se justificava por acto verbal e summario como o villão, que os officiaes do municipio sentenciavam, e o verdugo agoutava. Para tocar assim na cabeça de um rico homem do seculo doze o braço real ainda não era bastante forte. Pelo contrario a historia dos primeiros reinados mostra, que os fidalgos, desenfreados pela impunidade, ousavam e podiam tudo, sem a auctoridade soberana se atrever a cohibil-os.

Além d'isto, como ousaria o rei estranhar as violencias, de que frequentes vezes era o primeiro a dar o exemplo? Quem estudou de perto as contendas de Sancho I e de seu filho com o clero e com alguns dos nobres, conhece que estes monarchas recorreram ao incendio e á oppressão sem o menor remorso. Excedendo-os na crueldade das vinganças, os ricos homens seguiam as suas pizadas, e compunham-se pelo modelo do principe.

Se o rapto da *mulher de linhagem* era feito mais arriscado do que manchar a innocencia da filha do povo, o perigo não consistia na severidade do rei; provinha das reprezalias inevitaveis e terriveis da familia ultrajada. O roubador ficava diante d'ella como homicida de mais que a vida, como algoz da honra e do orgulho de uma raça nobre; e injurias taes nunca deixavam de verter sangue. O direito de vindicta, exercido pelos parentes, legitimado nas leis, e santificado pelos costumes, era sufficiente para flagellar amargamente as vigalias do criminoso. O receio, aguilhoando o remorso e tornando-lhe acerbo o prazer, fazia-lhe de espinhos o leito da insomnia. Entre tanto, sem temor é licito dizer que no meio das ameaças que o podiam perseguir o cutello alçado por D. João II sobre a cabeça da fidalguia não lampejava diante da sua vista.

O rei ainda não aprendêra a canonisar as suas

paixões, vestindo-as com a oppa da justiça, e comprando o sangue a preço de honras. As vinganças e as ambições eram sinceras, e não punham mascara. A atrocidade legal veiu depois, como requinte de civilização, nos tempos do filho de Affonso V!

Por estas razões é que a tradição do Nobiliario pareceu corrompida, e se adoptou a hypothese figurada no romance. O enredo vive do odio de raça, feição characteristic da meia idade. A chronica das luctas individuaes, e do conflicto das diversas classes e localidades, se fosse restaurada em consciencia pelo drama e pelo romance, seria a pintura exacta das sociedades semibarbaras, que dormem na urna da historia.

A originalidade da acção, a grandeza tragica dos affectos, e o pittoresco dos costumes, que offerece, são dados preciosos para a arte aproveitar nas suas manifestações. O Dante nos mais admirados episodios da *Divina Comedia*, e Shakspeare nas melhores peças, colheram a vaga tradição, e a ella aqueceram o raio luminoso, que é a alma das suas bellas creações.

Uma d'ellas, *Julieta e Romeo*, talvez a composição mais delicada do auctor de *Othello*, indica uma apagada similhaça com a tradição do Nobiliario, thema d'este romance. É tambem uma rixa de familia, e um noivado que vêem expirar dentro das paredes do sepulcro.

Mas a similhaça está só na identidade do facto. A fabula, os caracteres, e os sentimentos apartam-se depois completamente pela differença da indole dos dous povos, e mais que tudo pelo abysmo que separa a poesia do norte da poesia peninsular.

Entre tanto em nenhum drama foi Shakspeare menos inglez, quanto á fórma, do que em *Julieta e Romeo*. Meditou-a debaixo do til como se vivesse no seio de Granada e Sevilha, entre os laranjaes e limoeiros. Quem apreciar a sua obra só pela apparencia, dirá que foi inspirada pelo sol das Hespanhas; quem descer porém a mais seria analyse descobre logo o desconsolado scepticismo, que envenena os affectos, degenerando o coração porque lhe rouba a esperanza em Deus.

Vendo Romeo, e amando-o, Julieta pressente que o verme da morte está dentro das rosas do amor. Ella mesma é quem prophetisa: «que o tumulo será o seu leito nupcial, e os brandões funebres allumiarão a vingança das duas casas inimigas!» Longe de sorrir a illusões futuras, a apaixonada donzella geme na tristeza as solitarias horas da noite. E a lua, amiga dos amantes, caíndo branda e clara sobre as pedras d'um jazigo, parece indicar-lhe o sitio aonde o infortunio acaba!

Que differença entre esta contemplação perenne da morte mesmo no amor, e a paixão arrebatada, que respiram as peças castelhanas de Lopo da Vega e Calderon?! No infinito, por onde vóa a phantasia, e na immensidade do desejo, por que se alarga o coração, ainda escrava a inspiração, e abrindo as azas, eleva-se acima do universo, e rompe até ás nebulosas regiões, além das quaes estão os segredos do porvir.

Absorvido no exame do mysterio da existencia, o inglez resolve-o pela duvida, quando o castelhano o illumina com a fé. De joelhos, no chão dos mortos, Shakspeare deixa passar á alma alguma cousa do gelido orvalho que goteja das cruces, e cresta a flôr que só viverá um dia. Para elle a existencia significa a passagem dolorosa do homem, saíndo do desterro do mundo para o invisivel e ignorado abysmo que está além do sepulcro, e que a voz do mundo chama eternidade!

Creada entre as duas maiores solidões da vida, o mar e a ausencia, a musa britannica é triste e severa como ellas. As tormentas, que lhe balouçam o berço, os nevoeiros que lhe toldam o sol, e a luz baça e triste, que lhe allumia os dias, concorrem, com a melancolia do clima, para a fazer chorosa, reflexiva e sceptica. A paixão do norte é a noute dos esponsaes de Romeo (acto 2.^o scena 2.^a) conversada ao luar. Os suspiros da aragem, a fragrancia das flôres, e o murmurio das folhas, harmonias e perfumes, entre os quaes recendem os beijos do primeiro amor, enganam o coração deixando-o gosar em um minuto uma vida inteira; a alma antevê o céu, estremece com os doces affectos, e apesar de tudo isto porque não ha n'esta scena senão tristeza? Porque se reflecte na admiravel ternura dos dous amantes, como um clarão da lampada funebre, que aclara o desenlace tragico? Desde o principio, a cruz da ermida, onde no fim ambos vão morrer, apparece de toda a parte, e até mesmo entre os myrthos do amor!

A musa da Hespanha não entende assim a existencia. Filha dos vergeis, não se reclina a vêr dobar nos arcs as nevoentas cascatas; não vae pela beira dos rios aspirando a fresquidão, apanhando o fructo com a flôr, nos ramos que se debruçam em toldo viçoso sobre a estrada. A luz e o sol, as flôres e as aguas, alma da natureza, tambem são a alma d'ella. O estio calmoso colhe-a, ingenua e pastora, banhando-se meio corpo nas fontes, ou pensativa e namorada pulsando com os dedos distrahidos a thiorba romantica. Se chora, poucas vezes verte prantos inconsolaveis; se o coração arqueja, raro é em convulsões de desesperação. Os delirios de Sapho, as saudades que matam, e o amor que verte sangue em vez de lagrimas, rara vez levantam os sinistros espectros do ciume de Othello, do scepticismo de Hamlet, e da demencia de Lear no temperado e suave clima da Hespanha.

As paixões na Peninsula são ardentes, porque o sangue hespanhol queima como sangue arabe; mas, nos trances do infortunio, a esperanza não foge ao afflicto, antes lhe aponta para o céu. Padecer é expiação, não é destino. Vergado á sua cruz, aquelle que descae, não expira enchendo a terra, como Byron, dos clamores da desesperação. Acima das tempestades em que a vida se affunda, está Deus, a fé, e o dogma consolador da remissão divina. Na harpa do norte ha de menos a corda suave de esperanza religiosa.

A opposição de idéas e de indole entre a poesia do norte e a do meio-dia, constitue a respectiva originalidade. Em Castella e Portugal os dramas de *Hamlet*, e do rei *Lear*, imitando-se, arriscavam-se a passar mal entendidos.

Tem-se dito bastante para desenvolver a differença entre a tradição do *Nobiliario*, e a versão italiana, que inspirou a Shakspeare o drama de Romeo e Julieta. Seja licito agora acrescentar duas palavras ainda para explicarmos o fim que o auctor se propoz, accitando o conto popular como base das ficções da novella historica.

A côr antiga do *Livro das Linhagens* serviu de fundo ao painel, em que se debuxaram estas scenas do seculo 19.^o O povo está retratado, de escorço apenas, nas ondas da praça publica, aonde ensaia a vida energica dos reinados del-rei D. Fernando e D. João I; e levemente esboçado nos costumes, que não resae bem senão na intimidade do lar domestico. As leis conservadas no *Fuero Viejo de Castilla*, e os usos civis e religiosos, colligidos pelo erudito Berganza nas *Antiguidades de Hespanha*, ministraram

tintas hoje raras para se restaurar um pouco das obliteradas physionomias do clero e da nobreza na idade media. As virtudes e os defeitos das classes, quanto possivel, resumiram-se em um quadro breve para deixar sobresaír melhor o espirito, de que vivia a sociedade, que tanto lidou pela gloria do nome portuguez.

Em assumptos historicos o dever do romance consiste em cunhar com a verdade mais aproximada a expressão fiel do viver e crer de Portugal, ou de outra qualquer nação, n'uma designada epocha. Se não prestarmos ás gerações extinctas os sentimentos e as crenças, que as animaram, e as paixões humanas, que as inspiraram, tudo se fará menos entender e applicar a historia na sua essencia mais philosophica. Para calumniar um seculo e os homens d'elle não val a pena levantar do tumulo o seu cadaver. A religião do sepulcro deve ser sagrada para a arte, como o é para a historia.

Nos labores da imaginação o merito está em reproduzir idéas exactas colhidas pela analyse das instituições e dos factos sociaes. O desenho das physionomias e o relevo dos costumes, dependem d'ellas; outra cousa equivale a consummir as forças na ingrata fadiga de adversa Minerva, dissolvendo-se a tinta dos velhos pergaminhos em arengas insipidas, e estolidamente falsas. O verdadeiro espirito dos seculos escapa á rede de apanhar vocabulos dos copistas.

E a razão porque este romance é escripto e fallado na lingua de hoje, e não torcido por torniquete quincentista. A historia reside nas cousas.

Por ultimo, como a tradição, que escolhemos, é das poucas em que se revê a funda e quasi inconsolável tristeza da musa do norte, adoptou-se para epigraphe este verso de Shakspeare em Othello:

She was born to be fair; I to die for her love!

De certo, Gomes Lourenço podia dizer com o poeta inglez:

Ella nasceu para matar d'encantos
Eu para, amando-a em vão, morrer d'amores.

O padecimento immenso do cavalleiro portuguez, bastante para encher d'amargura a existencia toda, está resumido no verso de Shakspeare. Desdemona tinha-o gravado na memoria com as suas lagrimas antes de o soluçar na harpa; e atravez das epochas, no infinito da eternidade, a amante do mouro de Veneza, e o neto dos Viegas de Salzedas, dão as mãos, confundindo no mesmo suspiro a dôr que os dilacerou. Ambos repousam n'um sepulcro ensanguentado; ambos do amor, que foi a sua vida, colheram apenas, ella o espinho do ciume, elle o desengano da traição!

O fado severo, que os levou a brincar com a morte, e em premio de votarem a alma a um affecto, só lhes deu tormentos e desesperação, é o mysterioso cunho, com que o dedo da Providencia assignala os martyres do sentimento, escrevendo a predestinação da poesia na fronte de Camões, e debaixo da corôa d'espinhos de Bernardim Ribeiro!

(Continúa.)

VIAGENS.

UM PASSEIO Á NORUEGA.

EIS-ME outra vez em Bergen, recolhendo de uma excursão ás montanhas. Direi duas palavras acerca

d'esta cidade e seu commercio antes de te dar conta da minha jornada.

Dizem, que a fundára em 1069 ou 1070 o rei Olavo Kyrre, que a elevou á cathegoria de segunda cidade do seu reino; em breve veiu a ser a primeira pela vantajosa situação de seu porto e pelos privilegios que lhe concedeu a liga hanseatica, (1) pondo aqui uma feitoria. Até 1814 conservou esta supremacia. O congresso de Vienna separou a Noruega da Dinamarca para unil-a á Suecia em recompensa da cooperação que o general Bernadotte, corôado rei Carlos João, (2) prestou para a queda de Napoleão, e por indemnisação da Finlandia e da Bothnia oriental com que ficou a Russia. Desde então é a capital da Noruega Christiania, que só fôra fundada em 1624, mas que augmenta annualmente em importancia, commercio e prosperidade. Todavia, Bergen continúa a ser a cidade mais commerciante e mais povoada: monta a sua população a 25,000 habitantes, e soube conservar no seu porto os depositos das grandes pescarias das ilhas situadas na extremidade da provincia do Northland.

Estas ilhas situadas entre 68 e 69 graus de latitude, de solo geralmente pedregoso e esteril, e de pouco ambito, porque as maiores apenas tem oito a nove leguas de circuito, formam um pequeno archipelago n'um mar extremamente piscoso, onde se juntam todos os annos os pescadores do norte para a pescaria de inverno: aqui concorrem aos centos, aos milheiros tanto de Bergen como do Finmark e Drontheim, não obstante o dilatado e espesso véu que enluta estas aguas, e as temerosas tempestades que as agitam

Mr. X. Marmier, (3) infatigavel e veridico viajante, publica, segundo documentos officiaes, o seguinte quadro da pescaria em um anno ordinario: 2,910 barcos e 15,480 pescadores, tripulando cada barco geralmente cinco ou seis pescadores, apanharam em dous mezes 16.456:620 peixes, de que fizeram 21,530 cascos d'azeite e 6,000 d'ovas de peixe; o azeite produziu a quantia de 758:550 francos, o peixe salgado 1.371:388 e as ovas 30:000; total em francos 2.159:938 francos, isto é, mais de 345 contos.

Comtudo isso os pescadores de Bergen não colhem lucros correspondentes, porque vendem muito barato o seu genero; o ganho reverte em beneficio dos negociantes e especuladores.

A cidade exporta annualmente o valor de dous milhões de *species* (um specie dollar vale perto de 900 réis) de bacalhau, 20,000 toneis d'azeite de bacalhau de 1.^a, 2 e 3.^a qualidade, e 400,000 a 600,000 toneis de arenques salgados. O bacalhau vende-se em grande parte nos portos do Mediterraneo; os arenques consomem-se quasi todos na Hollanda; o azeite de bacalhau vae para toda a parte. Nos mezes de abril e maio é que se póde vêr Bergen, quando os grandes hiates (*joegts*) chegam carregados de pescaria; contam-se então no porto 600 a 700 embarcações de 70 a 200 toneladas, além dos navios estrangeiros de mais forte tonelagem que ali esperam ou tomam suas carregações.

(Continúa.)

— O primeiro passo para o bem é nunca fazer mal
J. B. ROUSSEAU.

(1) Veja-se o que é a Liga Hanseatica a pag. 349 do 2.^o volume do *Panorama*.

(2) Veja-se a biographia de Bernadotte a pag. 199 d'este volume.

(3) Viagens a Scandinavia, Lapouia, Spitzberg, e ilhas de Feroe, nos annos de 1838 a 1840.

— Se o vosso inimigo tem fome, dae-lhe de comer; se elle tem sede, dae-lhe de beber.

SALOMÃO.

No proximo mez de janeiro de 1853 começará a publicar-se o 10.^o volume do *Panorama*. Annunciando-o, o Editor aproveita a occasião para agradecer a protecção que o publico illustrado lhe tem dispensado, e a sympathia com que foi recebido geralmente o pensamento de continuar um semanario tão illustre nos fastos da litteratura patria. Dificuldades inevitaveis na organização de uma empresa d'esta ordem, que, como todos sabem, é inteiramente distincta das anteriores, obstaram a que a nova serie do *Panorama* correspondesse inteiramente aos seus desejos. O papel, que nos fornecem as nossas fabricas, e que ainda não reúne as condições necessarias para uma edição nítida, faz principalmente com que as excellentes gravuras que temos dado, todas devidas ao delicado buril do sr. Coelho, não sobresaíam tanto quanto era para desejar. Esperámos obter melhor papel, e continuaremos sollicitos a empregar todos os meios para que o *Panorama* venha a ser tambem um specimen dos progressos da arte typographica entre nós. Em quanto á redacção o Editor não duvida apresentar os numeros publicados como uma prova insuspeita de que não sabe faltar, nem faltará jámais ás condições exaradas no seu programma.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.^{os} 227 e 228, e nas lojas dos sr.^{es} Lavado, rua Augusta, n.^o 8, Bravo, rua do Ouro, n.^o 212, Zeferino, rua dos Capellistas, etc.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Continho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães; em Santarem, o sr. José Firmino d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.^{os} 1\$300 rs. Por semestre ou 26 n.^{os} 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.^{es} que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos distribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.